

**MODELO DE NEGÓCIOS EM EDUCAÇÃO FINANCEIRA:
AUTOCONHECIMENTO, SUSTENTABILIDADE E MONETIZAÇÃO,
UMA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA PARA EMPREENDEDORAS DA
CIDADE DE MANAUS**

**BUSINESS MODEL IN FINANCIAL EDUCATION: SELF-KNOWLEDGE,
SUSTAINABILITY, AND MONETIZATION AS A POSSIBILITY FOR CHANGE FOR
WOMEN ENTREPRENEURS IN THE CITY OF MANAUS**

**MODELO DE NEGOCIO EN EDUCACIÓN FINANCIERA: AUTOCONOCIMIENTO,
SOSTENIBILIDAD Y MONETIZACIÓN COMO POSIBILIDAD DE CAMBIO PARA
LAS MUJERES EMPREENDEDORAS DE LA CIUDAD DE MANAUS**

Roberta Veras Antonio¹

DOI: 10.54899/dcs.v23i94.6659

Recibido: 18/08/2026 | **Aceptado:** 19/08/2026 | **Publicación en línea:** 04/09/2026.

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo desenvolver um modelo de negócios integrado à educação financeira e ao autoconhecimento, direcionado às mulheres empreendedoras de Manaus, fundamentado nos pilares de oferta, sustentabilidade e monetização. Parte-se da compreensão de que a organização financeira pessoal, quando associada ao autoconhecimento e à visão de longo prazo, contribui para a melhoria da qualidade das decisões financeiras da mulher empreendedora. Trata-se de um estudo de caso de natureza aplicada, com abordagem qualitativa, caráter exploratório e explicativo, realizado no contexto socioeconômico local, utilizando pesquisa bibliográfica, entrevistas em profundidade com especialistas e grupos focais com empreendedoras de Manaus, permitindo triangulação dos dados. Inicialmente, buscou-se identificar o nível de conhecimento e as práticas relacionadas à educação financeira, autoconhecimento, sustentabilidade e monetização entre as participantes. Em seguida, os princípios da Roda de Modelo de Negócios de Muehlhausen foram adaptados à realidade investigada, possibilitando a construção de uma proposta metodológica contextualizada. Como resultado, estruturou-se um guia metodológico e instrumental que integra competências financeiras, comportamentais e estratégicas, visando apoiar a organização da vida pessoal, a tomada de decisões conscientes e a construção de autonomia econômica. O modelo desenvolvido a partir dessa análise, apresenta potencial para servir como referência teórico-metodológica e base estruturante para a elaboração de outros modelos de negócio científicos no campo da educação financeira. Espera-se que a proposta contribua para o fortalecimento do empreendedorismo feminino local, ampliando a capacidade de organização e planejamento financeiro a partir do autoconhecimento como base para a construção da sustentabilidade financeira.

¹ Mestre em Administração de Empresas - Educação Financeira, Florida Christian University, Orlando, Florida, Estados Unidos. E-mail: robertaverasmestradofcu@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2667-989X>

Palavras-chave: Autoconhecimento. Educação Financeira. Empreendedorismo Feminino. Sustentabilidade. Monetização.

ABSTRACT

This study aims to develop a business model integrating financial education and self-knowledge, designed for women entrepreneurs in Manaus and grounded in the pillars of offering, sustainability, and monetization. It is based on the understanding that personal financial organization, when associated with self-knowledge and a long-term perspective, contributes to improving the quality of women entrepreneurs' financial decisions. This is an applied case study with a qualitative, exploratory, and explanatory approach, conducted within the local socioeconomic context. Bibliographic research, in-depth interviews with experts, and focus groups with women entrepreneurs from Manaus were employed, allowing data triangulation. Initially, the study sought to identify the participants' levels of knowledge and practices related to financial education, self-knowledge, sustainability, and monetization. Subsequently, the principles of Muehlhausen's Business Model Wheel were adapted to the investigated reality, enabling the development of a contextualized methodological proposal. As a result, a methodological and instrumental guide was structured to integrate financial, behavioral, and strategic competencies, aiming to support the organization of personal life, conscious decision-making, and the development of economic autonomy. The model developed from this analysis has the potential to serve as a theoretical and methodological reference and as a structural basis for developing other scientific business models in the field of financial education. The proposal is expected to contribute to strengthening local women's entrepreneurship by expanding financial organization and planning capacities through self-knowledge as the foundation for building financial sustainability.

Keywords: Self-Knowledge. Financial Education. Women's Entrepreneurship. Sustainability. Monetization.

RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo desarrollar un modelo de negocio integrado con la educación financiera y el autoconocimiento, dirigido a las mujeres emprendedoras de Manaus y fundamentado en los pilares de oferta, sostenibilidad y monetización. Se parte de la comprensión de que la organización financiera personal, cuando se asocia con el autoconocimiento y una perspectiva de largo plazo, contribuye a mejorar la calidad de las decisiones financieras de las mujeres emprendedoras. Se trata de un estudio de caso de naturaleza aplicada, con enfoque cualitativo y carácter exploratorio y explicativo, realizado en el contexto socioeconómico local. Se utilizaron la investigación bibliográfica, entrevistas en profundidad con especialistas y grupos focales con emprendedoras de Manaus, lo que permitió la triangulación de los datos. Inicialmente, se buscó identificar el nivel de conocimiento y las prácticas relacionadas con la educación financiera, el autoconocimiento, la sostenibilidad y la monetización entre las participantes. Posteriormente, los principios de la Rueda del Modelo de Negocio de Muehlhausen fueron adaptados a la realidad investigada, posibilitando la construcción de una propuesta metodológica contextualizada. Como resultado, se estructuró una guía metodológica e instrumental que integra competencias financieras, conductuales y estratégicas, con el propósito de apoyar la organización de la vida personal, la toma de decisiones conscientes y la construcción de autonomía económica. El modelo desarrollado a partir de este análisis presenta potencial para servir como referencia

teórico-metodológica y como base estructural para la elaboración de otros modelos científicos de negocio en el campo de la educación financiera. Se espera que la propuesta contribuya al fortalecimiento del emprendimiento femenino local, ampliando la capacidad de organización y planificación financiera mediante el autoconocimiento como base para la construcción de la sostenibilidad financiera.

Palabras clave: Autoconocimiento. Educación Financiera. Emprendimiento Femenino. Sostenibilidad. Monetización.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objeto de estudo um modelo de negócios aplicado à educação financeira, com ênfase nos pilares do autoconhecimento, da sustentabilidade e da monetização, direcionado a mulheres empreendedoras da cidade de Manaus. No contexto das transformações econômicas, sociais e culturais que caracterizam o cenário contemporâneo, cresce a relevância de propostas que integrem dimensões emocionais, comportamentais e financeiras, especialmente no que diz respeito à organização pessoal e ao desenvolvimento da autonomia. Essa abordagem tem se mostrado importante no campo do empreendedorismo feminino, onde as motivações para empreender frequentemente estão ligadas à busca por independência financeira pessoal e equilíbrio entre vida profissional e pessoal.

Em Manaus, observa-se que a trajetória de mulheres empreendedoras está marcada por esforços constantes para conciliar múltiplas responsabilidades, como a gestão do lar, o cuidado com a família e a administração de seus negócios. A realidade local impõe desafios específicos que influenciam diretamente a condução de suas atividades, sendo a gestão financeira um dos principais pontos de atenção, dada a dificuldade em separar finanças pessoais das empresariais é um fator recorrente, o que pode comprometer tanto o orçamento doméstico quanto a sustentabilidade do empreendimento (Galvão *et al.*, 2024). Logo, a situação pode agravada pela carência de práticas de educação financeira adequadas ao contexto socioeconômico do empreendedorismo feminino (Valente *et al.*, 2025).

A ausência de estratégias consolidadas de educação financeira, como a falta de organização e de consciência sobre as próprias finanças, contribui para a vulnerabilidade econômica dessas mulheres, refletindo-se no aumento da informalidade, do endividamento e, em

alguns casos, no encerramento precoce de seus negócios. Diante disso, torna-se essencial a adoção de modelos de negócios que considerem, além da capacitação técnica, o fortalecimento da identidade financeira por meio do autoconhecimento e da sensibilização quanto à importância do planejamento econômico. A qualificação, aliada à capacidade de equilibrar as esferas pessoal e profissional, revela-se como um elemento central para o êxito de mulheres empreendedoras, promovendo não apenas crescimento financeiro, mas também emancipação social (Brasil, 2024).

A origem do problema investigado está relacionada aos desafios enfrentados por mulheres empreendedoras da cidade de Manaus, incluindo a dificuldade em utilizar os recursos financeiros pessoais de forma eficiente, o que de certo modo é agravado pela ausência de políticas públicas voltadas ao fortalecimento do empreendedorismo feminino. Observa-se, ainda, que os modelos tradicionais de educação financeira adotam abordagens técnicas e generalistas, frequentemente desconsiderando variáveis emocionais, comportamentais e regionais.

Diante desse cenário, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem metodológica inovadora que una práticas de educação financeira com os pilares mencionados. A integração entre técnica e o fortalecimento da consciência financeira permite atender tanto à dimensão racional quanto à emocional da gestão financeira, favorecendo mudanças duradouras em suas vidas pessoais além de contribuir para a sustentabilidade dos empreendimentos liderados por mulheres, pois seu CPF está organizado.

O objetivo geral do estudo é propor um modelo de negócios integrado à educação financeira com autoconhecimento, voltado para mulheres empreendedoras de Manaus, e fundamentado nos pilares de oferta, sustentabilidade e monetização. E são objetivos específicos: identificar o nível de conhecimento e práticas relacionadas à educação financeira, ao autoconhecimento, à sustentabilidade e à monetização entre mulheres empreendedoras de Manaus; adaptar os princípios da Roda de Modelo de Negócios de Jim Muehlhausen (2015) à construção de um modelo de negócio voltado à educação financeira e autoconhecimento; estruturar um guia metodológico e instrumental que integre educação financeira e autoconhecimento, fundamentado nos pilares de oferta, sustentabilidade e monetização, como subsídio para a formação de mulheres empreendedoras de Manaus.

REFERENCIAL TEÓRICO

Inovação e Modelos de Negócios

A inovação em modelos de negócios não se limita à adoção de tecnologias, pois também envolve estruturas, processos e métodos capazes de transformar realidades sociais e econômicas. Nos negócios liderados por mulheres, deve considerar aspectos culturais, emocionais e comportamentais, especialmente diante da informalidade e da ausência de políticas de apoio (Maciel; Traverso; Soares, 2025). A inovação trata-se de um fator relevante para o sucesso dos empreendimentos femininos em contextos desafiadores. A capacidade de conciliar a vida familiar e profissional favorece soluções criativas e adequadas às demandas locais, permitindo que as empreendedoras reinventem suas trajetórias diante das limitações existentes (Galvão *et al.*, 2024).

Na gestão de pequenos negócios, a inovação também está relacionada ao uso estratégico de ferramentas acessíveis. Em Manaus, as redes sociais são utilizadas pelas mulheres empreendedoras para divulgação, gestão, relacionamento com os clientes, fortalecimento da marca e fidelização do público (Oliveira, 2024). Sethi (2009) defende que pequenas ações consistentes podem ser mais eficientes do que estratégias complexas. Essa perspectiva aproxima-se das metodologias enxutas, que valorizam a simplicidade, a adaptabilidade e o uso inteligente dos recursos para construir negócios autônomos, sustentáveis e escaláveis.

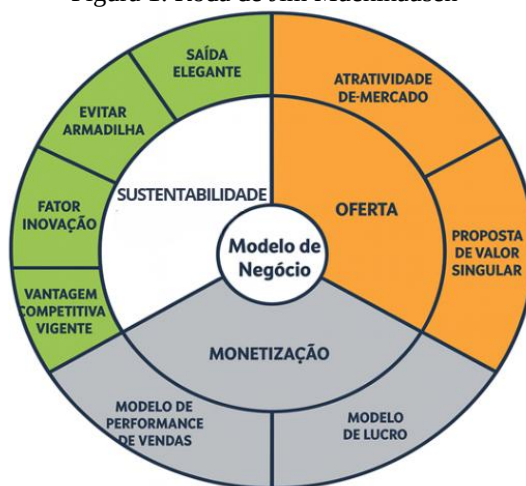
As mudanças nos modelos de negócios precisam ser planejadas e acompanhadas para assegurar os recursos humanos, tecnológicos e financeiros necessários. Esse processo pode ampliar a inovação e contribuir para a criação de diferenciais competitivos nas organizações (Almeida; Martins; Martins, 2022). Muehlhausen (2015) compreende o estudo dos modelos de negócios como uma forma de “empreendedorismo avançado”, pois seu desenvolvimento começa no ponto em que o processo empreendedor se encerra. Para o autor, essa abordagem representa uma tendência relevante no ambiente empresarial.

A definição do modelo de negócio é uma das primeiras decisões do empreendedor, pois determina o que a empresa fará e orienta sua estrutura operacional, seu público-alvo, suas estratégias de marketing e seu posicionamento. Sem essa definição, o empreendimento pode atuar de maneira desarticulada e comprometer sua sustentabilidade e crescimento (Silva *et al.*, 2023).

No campo da inovação e da modelagem de negócios, Muehlhausen (2015) apresenta uma abordagem visual conhecida como Roda do Modelo de Negócio, desenvolvida pelo *Business*

Model Institute (BMI), que se trata de uma metodologia que organiza os elementos essenciais de um empreendimento em oito áreas-chave, que facilita tanto a criação quanto a avaliação de modelos empresariais. De acordo com Muehlhausen (2015) a estrutura proposta pelo BMI parte da premissa de que todos os grandes modelos de negócios se baseiam em três pilares fundamentais: uma oferta de destaque, a capacidade de monetizar essa oferta e a sustentabilidade do negócio ao longo do tempo, conforme ilustrado na Figura 1.

Figura 1. Roda de Jim Muehlhausen



Fonte: Muehlhausen, 2015.

A Roda do Modelo de Negócio, proposta por Muehlhausen (2015), organiza os principais elementos que compõem um modelo de negócio bem-sucedido em oito áreas fundamentais: (1) atratividade de mercado; (2) proposta de valor singular; (3) modelo de lucro; (4) modelo de performance de vendas; (5) vantagem competitiva vigente; (6) fator inovação; (7) evitar armadilhas; e (8) saída elegante. Tais componentes representam dimensões estratégicas que, quando trabalhadas de forma integrada, oferecem a perspectiva geral e funcional da lógica de operação de um empreendimento.

Muehlhausen (2015) agrupa essas oito áreas em três categorias centrais: Oferta (*Offering*), Monetização (*Monetization*) e Sustentabilidade (*Sustainability*), estabelecendo um fluxo lógico para a construção e avaliação de modelos de negócios. A categoria “Oferta” trata da atratividade do mercado e da proposta de valor única que a empresa oferece ao seu público-alvo. Já a “Monetização” envolve os mecanismos pelos quais a organização transforma sua proposta de valor em receita, por meio de um modelo de lucro eficiente e de um modelo de performance de vendas bem estruturado. Por fim, a “Sustentabilidade” abrange os elementos que garantem a

continuidade e a adaptabilidade do negócio ao longo do tempo, como a manutenção de uma vantagem competitiva, a incorporação da inovação, a mitigação de riscos e a definição de estratégias para uma saída elegante, caso necessário.

Educação Financeira

A educação financeira consiste em um processo voltado a ampliar o conhecimento de consumidores e investidores sobre temas relacionados a finanças, como produtos, conceitos e possíveis riscos. Por meio de informações claras, orientações práticas e instrução adequada, os indivíduos desenvolvem habilidades e segurança para reconhecer oportunidades, avaliar riscos, tomar decisões conscientes e saber onde buscar apoio, promovendo, assim, uma gestão mais eficiente de sua vida financeira (BCB, 2022).

Conforme Sethi (2009), a educação financeira eficaz não se resume à acumulação de conhecimento técnico, mas à capacidade de estruturar comportamentos práticos e conscientes diante do dinheiro. O autor critica a sobrecarga de informações e o perfeccionismo inibidor, sugerindo que o mais relevante é dar o primeiro passo e construir hábitos que possibilitem autonomia e clareza sobre os próprios recursos. Para isso, ele defende a automação de processos como uma forma de reduzir o esforço mental e garantir disciplina de forma sustentável.

Para Ramsey (2009), educação financeira é definida como a capacidade de controlar o comportamento com o dinheiro com base em princípios imutáveis de disciplina e responsabilidade. Ele rejeita a visão tecnocrática que reduz a educação financeira à compreensão de juros compostos ou de instrumentos de investimento, e propõe uma abordagem de reeducação emocional. O autor estrutura a educação financeira como um processo de restauração pessoal por meio de etapas comportamentais práticas: fundo de emergência, quitação progressiva de dívidas (método da bola de neve), poupança sistemática, investimento em fundos com histórico comprovado e, por fim, construção de patrimônio líquido.

Esse processo se ancora no que Ramsey (2009) chama de “mudança de mentalidade” do consumo impulsivo à racionalidade orientada por objetivos. Logo, o autor recusa o discurso de que a dívida é uma ferramenta neutra, e substitui o conceito de alavancagem por liquidez e margem de segurança. Em vez de buscar produtos financeiros complexos, sua pedagogia foca em maximizar o domínio da renda líquida disponível, o que exige mais constância do que sofisticação

técnica. Assim, a educação financeira é, para ele, uma reconquista da autonomia pelo realinhamento entre renda, valores e comportamento.

Cerbasi (2015) define educação financeira como o processo contínuo de aprendizado que permite ao indivíduo tomar decisões mais conscientes, eficazes e responsáveis em relação ao uso do dinheiro. Diferentemente de uma visão reducionista centrada apenas na contenção de gastos, ele apresenta um modelo educativo baseado em quatro pilares fundamentais: diagnóstico, organização, disciplina e investimento. A educação financeira, para o autor, deve promover o desenvolvimento de competências práticas, como o uso de planilhas orçamentárias, o entendimento da diferença entre receita líquida e bruta, e a distinção entre despesas fixas e eventuais. Essa formação possibilita ao indivíduo sair de um estado de reatividade (consumir sem planejamento) para um estado de protagonismo (investir com propósito).

Para Cerbasi (2020), educação financeira vai além da matemática do dinheiro: trata-se de desenvolver uma mentalidade voltada ao equilíbrio entre segurança, prazer e propósito. De modo que, entender o funcionamento das finanças pessoais é uma habilidade essencial para qualquer pessoa, independentemente de sua renda. Ele ressalta que decisões acertadas dependem da capacidade de se planejar e de estabelecer metas realistas, o que só é possível com conhecimento e disciplina. A educação financeira, portanto, deve ser contínua, acessível e contextualizada, como um processo de empoderamento individual e familiar.

Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2023, p.6), “a literacia financeira é uma combinação de consciência financeira, conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos necessários para tomar decisões financeiras acertadas e, por fim, alcançar o bem-estar financeiro individual”. A evolução conceitual estabelece um alinhamento entre a educação financeira com o bem-estar individual, reforçando a importância de decisões conscientes e sustentáveis ao passar dos anos.

“Nos últimos anos, o Brasil enfrenta um cenário socioeconômico muito instável, compreendendo ciclos de crises econômicas gravíssimas sucedidos por um curto de período de crescimento econômico” (Gomes *et al.*, 2024, p.2). Para Paula e Pires (2017), esse panorama impacta diretamente o cotidiano das famílias brasileiras, que se veem pressionadas por desafios como desemprego, endividamento e perda de poder de compra, pois a instabilidade econômica compromete o planejamento financeiro e agrava desigualdades já existentes. Nesse contexto, a educação financeira surge como um instrumento estratégico para o empoderamento da população,

contribuindo para o fortalecimento da cidadania econômica e para a construção de um futuro mais estável e justo (Prado; Pereira, 2024).

Educação Financeira no Contexto do Autoconhecimento, Sustentabilidade e Monetização

Para Cerbasi (2015), o autoconhecimento é o ponto de partida de qualquer planejamento financeiro consistente, no qual é definido como a capacidade de identificar a própria realidade financeira com clareza e sem ilusões, por meio de diagnósticos objetivos. Nesse sentido, envolve também refletir sobre o padrão de vida desejado, a sustentabilidade das próprias escolhas e os riscos associados ao estilo de consumo adotado. Assim, ele transforma o conceito de autoconhecimento em uma ferramenta prática, que não apenas organiza as finanças, mas também redefine prioridades pessoais, ampliando a consciência sobre tempo, bem-estar e propósito de vida.

O autoconhecimento, na abordagem de Ramsey (2009), é a chave para o rompimento com os ciclos de sabotagem financeira. Seu diagnóstico é claro: o problema com o meu dinheiro é o cara no espelho. Com isso, ele conceitua que as finanças pessoais estão ligadas a padrões inconscientes, crenças familiares e à tolerância ao desconforto. Ramsey propõe um enfrentamento direto com o “comportamento de negação”, entendendo que muitos só mudam quando o custo da permanência se torna insustentável, ou seja, quando o colapso financeiro obriga a revisão de identidade.

O processo de autoconhecimento passa, então, por mapear crenças internalizadas (como “ter dívidas é normal” ou “preciso acompanhar os padrões de consumo do grupo”) e substituí-las por novos *scripts* mentais baseados em disciplina, contenção e projeto de vida. Para Ramsey (2009), o orçamento não é apenas uma ferramenta contábil, mas um instrumento de autogestão emocional. O planejamento financeiro é, portanto, um espelho ético de prioridades pessoais, e assim, ao organizar as finanças, o indivíduo reposiciona sua narrativa de valor, rompendo com a alienação do consumo automatizado.

No que refere-se a sustentabilidade, Sethi (2009) afirma que, o planejamento financeiro é baseado em escolhas consistentes, automatizadas e orientadas por metas de longo prazo favorece uma vida mais estável e equilibrada. Assim, a verdadeira liberdade financeira está na capacidade de manter hábitos saudáveis com o dinheiro, independentemente das oscilações do mercado. Essa estabilidade favorece não apenas o bem-estar individual, mas também reduz os impactos

negativos causados por ciclos de endividamento e desperdício. Assim, sua proposta de educação financeira sustenta um modelo de vida pautado na responsabilidade, previsibilidade e autonomia, valores que convergem com os fundamentos da sustentabilidade.

Cerbasi (2015) associa o conceito de sustentabilidade financeira ao desenvolvimento de hábitos que garantam a viabilidade das decisões econômicas ao longo da vida, sem comprometer a qualidade de vida presente ou futura. Ou seja, uma vida financeiramente sustentável exige a manutenção de reservas de liquidez, o consumo equilibrado e o uso responsável do crédito. A sustentabilidade, nesse contexto, está ancorada na ideia de equilíbrio patrimonial progressivo, alcançado por meio da compatibilização entre padrão de consumo e capacidade de geração de receita.

No que tange à monetização, Eker (2020) discorre sobre a relação entre trabalho, valor e geração de riqueza, dado que, os verdadeiros resultados financeiros não decorrem da quantidade de horas trabalhadas, mas da forma como o indivíduo agrega valor ao que faz e estabelece sua remuneração com base em resultados. Esse pensamento dialoga diretamente com a lógica contemporânea de monetização em ambientes digitais, onde o conhecimento, a autoridade e a entrega de valor são os principais vetores de geração de renda. Ao defender que é possível “fazer o dinheiro trabalhar para você”, Eker valoriza a construção de ativos materiais e imateriais, e convida o leitor a abandonar a lógica puramente linear de troca de tempo por dinheiro.

A monetização, nesse contexto, é viabilizada não apenas por quanto se ganha, mas pela inteligência na alocação dos recursos. Cerbasi (2015) enfatiza que decisões de consumo e investimento devem estar alinhadas a objetivos bem definidos, e que o ato de investir, mesmo que de maneira modesta, é preferível à inércia. Cerbasi (2015) continua dizendo que o mais importante do que encontrar o investimento ideal é dar o primeiro passo rumo ao aprendizado e à construção de patrimônio.

Empreendedorismo Feminino em Manaus

Conforme Galvão *et al.* (2024, p. 1271), o termo “empreendedorismo” é derivado da palavra inglesa *entrepreneur*, originada do francês antigo *entreprendre*, logo, a etimologia aponta para o significado de “intermediário”, aquele que assume riscos e conduz iniciativas. Nesse contexto, o empreendedorismo se refere à capacidade de indivíduos ou grupos em identificar e aproveitar oportunidades, resultando na criação de novos negócios ou soluções com valor social,

sendo complementado pela ideia de que empreender, consiste em coordenar e executar projetos visando ao sucesso.

No Brasil e nos países membros da OCDE, o empreendedorismo tem sido reconhecido como um fenômeno que promove o crescimento econômico e o desenvolvimento local, além de contribuir para a redução das taxas de desemprego (Barros; Pereira, 2008 *apud* Galvão *et al.*, 2024). Globalmente, os governos estão promovendo o empreendedorismo como meio de resolver os problemas econômicos do mundo, portanto, o propósito da política de empreendedorismo costuma ser a geração de riqueza. Contudo, muitas vezes a política se esquece de que, para gerar riqueza para as pessoas, é necessário promover uma alteração nas condições restritivas persistentes em que muitos indivíduos (pobres) vivem (Atarah *et al.*, 2023).

Cada pessoa possui um perfil marcado por necessidades predominantes, como a de realização, planejamento ou poder, que influenciam diretamente seu comportamento cotidiano. Indivíduos com alta necessidade de realização, por exemplo, tendem a se inclinar mais para o empreendedorismo. No entanto, essa predisposição não é suficiente, por si só, para concretizar um empreendimento, o indivíduo precisa reconhecer e aproveitar as oportunidades presentes em seu ambiente (Galvão *et al.*, 2024).

Ademais, no que diz respeito à origem do comportamento empreendedor, Galvão *et al.* (2024) questiona-se até que ponto ele é resultado exclusivo da personalidade do indivíduo. Para o autor, além das características pessoais, fatores sociais, condições ambientais e processos de treinamento exercem funções essenciais em formação e no estímulo do desejo de empreender. Em geral, o empreendedor apresenta um conjunto de atributos pessoais e psicológicos, incluindo: iniciativa, autoconfiança, aceitação de riscos, bravura, habilidade para tomar decisões, reconhecer responsabilidades, ter motivação, persistência e otimismo (Santiago, 2009; Galvão *et al.*, 2024).

A partir do estudo realizado por Schmidt e Bohnenberger (2009) e Galvão *et al.* (2024) o quadro 1, apresenta as características e definições fundamentais do empreendedor, extraídas da literatura por meio das concepções de escritores e especialistas do campo, com o propósito de fundamentar a avaliação das características empreendedoras.

Quadro 1. Características Atitudinais do Empreendedor

Característica	Descrição
Autoeficácia	Refere-se à confiança do indivíduo em sua própria capacidade de mobilizar recursos, motivação e ações para enfrentar desafios e alcançar seus objetivos.
Assunção de riscos	Caracteriza-se pela disposição em assumir riscos calculados, compreendendo que incertezas fazem parte do processo de inovar, empreender e se adaptar ao mercado.
Capacidade de planejar	Envolve a habilidade de traçar metas, organizar recursos e estabelecer caminhos viáveis para transformar ideias em ações concretas e alcançar os resultados almejados.
Identificação de oportunidades	Consiste na percepção aguçada para reconhecer demandas latentes ou mudanças no ambiente, transformando essas situações em iniciativas de valor.
Persistência	Relaciona-se à determinação contínua em superar obstáculos, mantendo o foco nos objetivos mesmo diante de fracassos ou dificuldades.
Sociabilidade	Indica facilidade em interagir, estabelecer parcerias e articular ações em grupo, o que favorece a construção de redes e o fortalecimento de projetos coletivos.
Inovação	Reflete a capacidade de propor soluções criativas, implementar melhorias e explorar novas abordagens que gerem diferencial competitivo.
Liderança	Expressa-se na habilidade de influenciar, motivar e coordenar pessoas em torno de objetivos comuns, promovendo engajamento e ação colaborativa.

Fonte: Adaptado de Schmidt e Bohnenberger (2009, p. 453 e 454).

Sob essa perspectiva, Galvão *et al.* (2024) compreende o empreendedor como aquele que impulsiona os processos organizacionais, antecipando cenários, projetando o futuro da empresa, introduzindo inovações e desenvolvendo negócios baseados na gestão eficiente e na identificação de oportunidades. Nesse sentido, evidencia-se que a formação financeira do empreendedor tem impacto direto sobre a qualidade da gestão empresarial e, por consequência, nos resultados obtidos (Martínez; García; García-Mejía, 2024).

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em Manaus, Amazonas, com mulheres empreendedoras dos setores de comércio, serviços e produção artesanal, formalizadas ou não. O estudo buscou compreender como a educação financeira, o autoconhecimento, a sustentabilidade e a monetização influenciam suas vidas pessoais e seus negócios, visando à construção de um modelo de negócio adequado à realidade do empreendedorismo feminino local.

A investigação caracteriza-se como aplicada, qualitativa, exploratória e explicativa, estruturada como estudo de caso. Essa estratégia possibilitou analisar o fenômeno em seu contexto real, utilizando múltiplas fontes de evidência e a triangulação dos dados para ampliar a consistência dos resultados (Yin, 2015). O modelo desenvolvido apresenta potencial de adaptação a outros contextos socioeconômicos semelhantes.

A amostra foi intencional e não probabilística, composta por 40 mulheres empreendedoras, distribuídas em oito grupos focais com cinco participantes cada, além de três especialistas em educação financeira e negócios. A seleção considerou critérios como tempo de atuação, escolaridade, setor econômico, estrutura do empreendimento, disponibilidade e interesse pelo tema. As empreendedoras foram classificadas como participantes, enquanto os especialistas atuaram como informantes técnicos (Yin, 2015).

A coleta de dados ocorreu por meio de grupos focais, entrevistas semiestruturadas com especialistas, observação direta, registros audiovisuais e pesquisa bibliográfica. Cada grupo focal participou de um encontro com duração aproximada de uma hora, conduzido com roteiro de brainstorm. Os dados foram organizados nas categorias: Empreendedorismo; Educação Financeira e Autoconhecimento; Educação Financeira e Monetização; Educação Financeira e Sustentabilidade; e Inovação e Modelo de Negócio. A pesquisa bibliográfica contemplou obras de Ramsey (2009), Sethi (2009), Cerbasi (2015; 2020), Clason (2017) e Eker (2020).

Os dados coletados foram utilizados na adaptação da Roda de Modelo de Negócios de Muehlhausen (2015). A triangulação entre as experiências das empreendedoras, as contribuições dos especialistas, as observações da pesquisadora e o referencial teórico subsidiou a elaboração de um guia metodológico e instrumental fundamentado nos eixos autoconhecimento, monetização e sustentabilidade. Todos os participantes receberam e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com garantia de anonimato e direito à desistência.

As entrevistas foram transcritas e submetidas à análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2016), seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e interpretação dos resultados. A validade e a confiabilidade foram asseguradas pela triangulação das evidências, definição das categorias, registro sistemático dos procedimentos e descrição dos instrumentos, permitindo a compreensão aprofundada do fenômeno e a possível replicação do estudo em contextos semelhantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entrevistas com Mulheres Empreendedoras de Manaus por Categoria

Foram realizados oito grupos focais com 40 mulheres empreendedoras de Manaus, identificadas pelos códigos P1 a P40 para preservar o anonimato. As participantes atuavam nos

setores de comércio, saúde, contabilidade, artesanato, beleza, alimentação, prestação de serviços e vendas diretas. Em sua maioria, eram autônomas ou microempreendedoras que conciliavam o trabalho com responsabilidades domésticas e familiares. Desta maneira, obteve-se os resultados conforme Quadro 2:

Quadro 2. Síntese dos resultados dos grupos focais por categoria

Categoria de análise	Principais resultados	Necessidades identificadas
Empreendedorismo	Poucas participantes realizaram cursos de educação financeira. As formações foram consideradas superficiais, fragmentadas e pouco aplicáveis. Também foi frequente a mistura entre finanças pessoais e empresariais.	Oferecer formação prática sobre gestão financeira, separação entre pessoa física e jurídica e organização do negócio.
Educação financeira e autoconhecimento	Emoções, hábitos, experiências pessoais e responsabilidades familiares influenciaram diretamente as decisões financeiras. Ansiedade, impulsividade e dificuldade de estabelecer limites favoreceram gastos não planejados.	Integrar conhecimentos financeiros com autoconhecimento, controle emocional e mudança comportamental.
Educação financeira e monetização	Predominou o baixo conhecimento sobre investimentos, como CDB, LCI, LCA e Tesouro Direto. Também houve dificuldade para diferenciar controle financeiro, orçamento e planejamento.	Desenvolver conhecimentos acessíveis sobre investimentos, orçamento, controle e planejamento financeiro.
Educação financeira e sustentabilidade	Muitas participantes tentaram formar reservas, mas utilizaram os recursos em emergências pessoais, familiares ou empresariais. A renda variável dificultou o planejamento de longo prazo e da aposentadoria.	Criar estratégias adaptadas à renda irregular para reserva emergencial, proteção financeira e aposentadoria.
Inovação e modelo de negócio	As participantes não conheciam um método acessível que reunisse autoconhecimento, finanças e planejamento de futuro. Os cursos disponíveis foram considerados fragmentados e pouco contextualizados.	Construir um modelo integrado, prático, contínuo e adequado à realidade das mulheres empreendedoras de Manaus.

Fonte: Elaboração Própria (2026).

Na categoria empreendedorismo, verificou-se que poucas participantes haviam realizado cursos de educação financeira e, quando tiveram acesso, consideraram os conteúdos superficiais e pouco aplicáveis. Também foi frequente a mistura entre as finanças pessoais e empresariais, motivada pela falta de conhecimento técnico, instabilidade da renda, necessidades familiares e fatores emocionais. Essa dificuldade aparece na fala da P3: *“Eu acabo misturando, porque eu ainda não tenho toda essa organização [...] não tenho todo o conhecimento técnico”*. Mesmo entre participantes com formação contábil, o conhecimento não garantiu uma organização financeira constante.

Na categoria educação financeira e autoconhecimento, houve consenso de que emoções, hábitos, experiências passadas e responsabilidades familiares influenciam as decisões financeiras. Ansiedade, impulsividade, desejo de compensação e dificuldade de estabelecer limites favoreceram gastos não planejados. A P39 relatou: *“Quando eu me sentia mal emocionalmente,*

eu começava a gastar [...] depois começava a me sentir mal”. Embora algumas participantes tenham desenvolvido maior autocontrole, a reflexão sobre consciência, atitudes, habilidades e comportamentos financeiros ainda ocorre de maneira fragmentada e, geralmente, após consequências negativas.

Quanto à monetização, a maioria apresentou pouco conhecimento sobre CDB, LCI, LCA, Tesouro Direto e outros investimentos. O medo de perder dinheiro, a complexidade percebida e a dependência de orientações externas limitaram a autonomia financeira. Essa insegurança foi expressa pela P38: *“Eu realmente desconheço. Tenho medo [...] necessito de uma educação”*. Também foram identificadas dificuldades para diferenciar e aplicar controle financeiro, orçamento e planejamento, demonstrando distanciamento entre reconhecer a importância desses instrumentos e utilizá-los continuamente.

Na categoria sustentabilidade, as participantes demonstraram compreensão parcial sobre reserva emergencial, reserva estratégica e aposentadoria. Muitas já haviam tentado poupar, mas utilizaram os recursos diante de imprevistos, problemas de saúde, demandas familiares ou necessidades empresariais. A P3 resumiu essa dificuldade ao afirmar: *“Tinha mês que só dava 50, 150 [...] às vezes nem conseguia. Manter é desafio”*. A renda variável e a mistura entre recursos pessoais e empresariais dificultaram a continuidade das reservas e o planejamento de longo prazo.

Na categoria inovação e modelo de negócio, predominou a percepção de que os cursos disponíveis são fragmentados e não integram educação financeira, autoconhecimento, organização financeira e planejamento de futuro. A P40 afirmou: *“Não existe só um curso com tudo [...] emocionalmente, tecnicamente”*. As participantes demonstraram interesse por uma proposta simples, acessível, contínua e adaptada à realidade das mulheres empreendedoras de Manaus, confirmando a necessidade de um modelo integrado que reúna conhecimento técnico, desenvolvimento comportamental e aplicação prática.

Os resultados das categorias Empreendedorismo e Educação Financeira e Autoconhecimento demonstraram que a limitada participação em capacitações, a superficialidade dos conteúdos e a mistura entre as finanças pessoais e empresariais comprometem a organização dos negócios. Esses achados convergem com Galvão *et al.* (2024), que relacionam a dificuldade de separar o orçamento pessoal do empresarial à sobrecarga de responsabilidades profissionais, domésticas e familiares das mulheres. Valente *et al.* (2025) também destacam a carência de práticas de educação financeira adequadas ao contexto socioeconômico do empreendedorismo

feminino. A influência da ansiedade, impulsividade e experiências pessoais sobre os gastos confirma que o comportamento financeiro não depende apenas de conhecimentos técnicos, pois emoções e fatores cognitivos interferem nas decisões econômicas. O autoconhecimento torna-se, portanto, necessário para reconhecer crenças, hábitos e padrões que prejudicam a organização financeira (Cruz; Brito; Carvalho, 2023; Eker, 2020).

Nas categorias Educação Financeira e Monetização, Educação Financeira e Sustentabilidade e Inovação e Modelo de Negócio, o baixo conhecimento sobre investimentos, a dificuldade de formar reservas e a ausência de planejamento de longo prazo evidenciaram a necessidade de uma formação prática e integrada. A ampliação e a complexidade dos produtos financeiros exigem maior capacidade de avaliação dos riscos, custos e possibilidades de retorno (BCB, 2012). Sethi (2009) defende que escolhas consistentes, automatização e definição de metas favorecem a estabilidade financeira, enquanto Cerbasi (2015) associa a sustentabilidade à formação de reservas, ao planejamento e à preservação da qualidade de vida. A percepção de que os cursos disponíveis são fragmentados também reforça a pertinência de uma proposta integrada, baseada na articulação entre oferta, monetização e sustentabilidade, conforme a estrutura de Muehlhausen (2015).

Entrevistas em Profundidade Com Especialistas

Foram realizadas entrevistas em profundidade com três especialistas em educação financeira, selecionados por suas experiências acadêmicas, institucionais e mercadológicas. As entrevistas possibilitaram confrontar o conhecimento especializado com os resultados dos grupos focais, contribuindo para a triangulação e a consistência da análise (Bardin, 2016).

Na categoria empreendedorismo, os especialistas reconheceram que a separação entre as finanças pessoais e empresariais constitui um desafio recorrente. O Especialista A destacou que *“a família disputa o caixa com a empresa, sacrificando o crescimento do negócio ou a estabilidade familiar, o que afeta inclusive a saúde mental do empreendedor”*. O Especialista B acrescentou que *“quando essas duas esferas se misturam, aumentam os riscos de endividamento, falta de controle e insegurança financeira”*. Para o Especialista C, o problema nem sempre decorre da falta de conhecimento, pois *“muitos sabem a diferença, mas não conseguem manter essa separação na prática”*, especialmente pela fragilidade do negócio, falta de recursos e custos administrativos.

Em relação às mulheres empreendedoras, foram identificados desafios financeiros, administrativos e sociais. O Especialista A relacionou a permanência dos negócios à *“falta de orçamento que antecipe crises, excesso de investimentos que elevam o ponto de equilíbrio, informalidade e incapacidade de gerir crédito”*. O Especialista B indicou que *“as principais dificuldades das mulheres autônomas incluem acesso ao crédito, capacidade de poupar, captação de clientes e pouco conhecimento administrativo-financeiro”*. O Especialista C enfatizou a sobrecarga feminina ao afirmar que *“as mulheres enfrentam ainda a dupla jornada, pois continuam majoritariamente responsáveis por cuidados familiares e domésticos”*.

Na categoria educação financeira e autoconhecimento, os entrevistados defenderam a integração entre conhecimentos técnicos e aspectos comportamentais. Segundo o Especialista A, as finanças comportamentais tratam das *“dificuldades de colocar essa racionalidade em prática”*, possibilitando transformar conhecimento em ação. O Especialista B ressaltou que *“atitudes e hábitos influenciam diretamente os resultados financeiros”* e, por isso, a educação financeira deve ser flexível e personalizada. O Especialista C afirmou que *“o componente motivacional e psicológico costuma se sobrepor ao técnico”*, pois, sem motivação, o conhecimento dificilmente produz mudanças práticas.

O autoconhecimento também foi considerado importante para o planejamento pessoal e empresarial. O Especialista A declarou que *“autoconhecimento é a base lógica da elaboração de orçamentos e planos de negócios”*. Para o Especialista B, a integração entre educação financeira, comportamento e investimentos *“fortalece a confiança, melhora a tomada de decisão e amplia a visão de longo prazo”*. O Especialista C complementou que *“com motivação e atitude adequadas, a pessoa busca o conhecimento técnico necessário”*, demonstrando que o comportamento influencia a aplicação dos conhecimentos adquiridos.

Na categoria monetização, os especialistas reconheceram avanços na oferta de conteúdos, mas apontaram problemas de clareza e aplicabilidade. O Especialista A observou que *“ainda falta uma abordagem mais individualizada e desvinculada da venda de produtos financeiros”*. O Especialista B explicou que *“termos como controle financeiro, orçamento e reserva de emergência ainda são frequentemente confundidos ou tratados como sinônimos”*. Embora o Especialista C considere que os programas abordam os conceitos mais relevantes, os resultados indicam que a existência de conteúdos não assegura sua compreensão e utilização no cotidiano.

Quanto ao endividamento, os entrevistados afirmaram que o problema não resulta somente da ausência de informação. O Especialista A associou-o à *“cultura do imediatismo, à*

valorização do status, ao marketing massivo de apostas e investimentos especulativos". O Especialista B destacou que *"muitos conteúdos não dialogam com a realidade da população"* e desconsideram renda instável, imprevistos, facilidade de crédito e condições macroeconômicas. O Especialista C acrescentou que *"a correlação entre ensino de conceitos financeiros e mudança real de comportamento é muito baixa"*, evidenciando as limitações de abordagens exclusivamente informativas.

Na categoria sustentabilidade, constatou-se que as formações ainda priorizam problemas imediatos. O Especialista A afirmou que *"a maioria dos programas não integra de forma consistente sustentabilidade financeira e qualidade de vida"*. O Especialista B observou que *"reservas de longo prazo e aposentadoria acabam ficando em segundo plano"*. Já o Especialista C compreende que *"a sustentabilidade econômica já está implícita na educação financeira"*, pois envolve a capacidade de preservar o consumo e o patrimônio ao longo do tempo.

Ao fim, os especialistas apresentaram diferentes avaliações sobre o mercado brasileiro de educação financeira. Para o Especialista A, *"o mercado é explorado, mas pouco valorizado e ainda insuficientemente regulado"*, favorecendo conteúdos oportunistas e superficiais. O Especialista B reconheceu que o setor avançou, mas *"ainda carece de abordagens mais acessíveis e alinhadas à realidade socioeconômica do país"*. O Especialista C considerou que *"o principal problema não é a falta de conteúdo, mas o baixo engajamento e a dificuldade de produzir mudanças comportamentais duradouras"*.

Parecer da Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica evidenciou que a organização financeira depende da integração entre conhecimento técnico, formação de hábitos, mudança comportamental, planejamento e construção gradual de patrimônio. Embora as obras analisadas apresentem métodos distintos, todas destacam a disciplina, a constância e a tomada de decisões conscientes como fundamentos da sustentabilidade financeira.

Ramsey (2009), em *The Total Money Makeover*, defende a eliminação das dívidas e propõe os sete Baby Steps: criação de um fundo inicial, quitação das dívidas, formação de reserva equivalente a três a seis meses de despesas, investimento para aposentadoria, poupança para objetivos familiares, quitação da moradia e construção de patrimônio. Apesar de sua

simplicidade, o método precisa ser adaptado à realidade brasileira, considerando renda variável, juros elevados, sistema previdenciário, informalidade e responsabilidades familiares.

Sethi (2009), em *I Will Teach You to Be Rich*, valoriza a ação contínua em lugar da busca pela perfeição. Sua proposta envolve automatização financeira, consumo consciente e direcionamento dos recursos para aquilo que possui significado pessoal. Para o autor, riqueza não corresponde à aparência, mas à liberdade de escolha, à organização e à construção de uma vida alinhada aos próprios objetivos.

Cerbasi (2015), em *Como organizar sua vida financeira*, aborda orçamento, consumo, crédito, endividamento e investimentos. Embora não apresente um método formal, a obra funciona como guia prático para ampliar a consciência, melhorar o uso da renda e favorecer decisões mais seguras. Em *Dez Bons Conselhos de Meu Pai*, Cerbasi (2020) relaciona prosperidade a estudo, equilíbrio, pensamento crítico, comunicação familiar, disciplina e consumo consciente.

Eker (2020), em *Os Segredos da Mente Milionária*, concentra-se nas crenças e nos padrões internos que orientam o comportamento financeiro. Segundo o autor, cada indivíduo desenvolve um “modelo de dinheiro” influenciado pela família e pelas experiências de vida. A transformação financeira exige, portanto, mudanças de mentalidade, hábitos e atitudes, além do domínio técnico.

Clason (2017), em *O Homem Mais Rico da Babilônia*, apresenta princípios como gastar menos do que se ganha, controlar despesas, poupar regularmente, buscar orientação qualificada e investir com prudência. A recomendação de guardar pelo menos 10% da renda reforça a importância de “pagar a si mesmo primeiro” e construir patrimônio de maneira gradual.

Logo, as obras demonstram que a educação financeira não deve se limitar ao orçamento ou aos investimentos. Sua efetividade depende da articulação entre autoconhecimento, disciplina, hábitos, planejamento, proteção familiar e visão de longo prazo. Esses fundamentos sustentam a construção de um modelo integrado, acessível e adaptado à realidade das mulheres empreendedoras de Manaus.

Modelo de Negócios em Educação Financeira - Autoconhecimento, Monetização e Sustentabilidade

Para atender ao terceiro objetivo específico, foi elaborado um guia metodológico e instrumental de educação financeira direcionado ao CPF de mulheres empreendedoras, com possibilidade de aplicação futura ao CNPJ. O modelo integra os pilares Autoconhecimento, Monetização e Sustentabilidade, adaptados da Roda de Modelo de Negócios de Muehlhausen (2015), às competências financeiras de consciência, conhecimento, atitudes, hábitos, comportamentos e habilidades estabelecidas pela OCDE (2023).

O guia reúne instrumentos relacionados ao controle, orçamento, planejamento, definição de sonhos, objetivos e metas, além da formação de reservas financeiras. Sua finalidade é apoiar formações, consultorias e mentorias, permitindo acompanhar avanços técnicos e comportamentais e fortalecer a organização das finanças pessoais, com possíveis reflexos na saúde financeira empresarial.

A construção do modelo articulou os resultados dos grupos focais, as entrevistas com especialistas, a observação da realidade e a pesquisa bibliográfica. Os dados revelaram dificuldades relacionadas à mistura entre CPF e CNPJ, ausência de organização financeira, pouca continuidade das práticas e fragmentação das formações disponíveis. Esses resultados orientaram a definição dos pilares e dos instrumentos propostos.

O recorte de Manaus considera fatores como renda variável, informalidade, particularidades econômicas e dificuldade de acesso a formações adequadas à realidade local. Para responder a essas condições, o modelo utiliza linguagem acessível, instrumentos práticos e uma estrutura que integra reflexão, conhecimento e aplicação.

Os objetivos do modelo são:

- a) desenvolver uma proposta de educação financeira integrada ao autoconhecimento, à monetização e à sustentabilidade;
- b) identificar conhecimentos e práticas financeiras do público-alvo;
- c) adaptar os princípios da Roda de Modelo de Negócios de Muehlhausen (2015);
- d) estruturar um guia metodológico e instrumental aplicável.

O modelo constitui um produto científico com arquitetura própria, etapas definidas, instrumentos aplicáveis e potencial de replicação.

A Figura 1 apresenta a representação visual do Modelo de Negócio, concebida a partir de uma arquitetura metodológica circular, sistêmica e integrada. O diagrama sintetiza os três pilares estruturantes, Autoconhecimento, Monetização e Sustentabilidade, evidenciando tanto a progressão formativa proposta quanto a possibilidade de aplicação de forma integrada ou modular. Destaca-se, ainda, que a imagem foi elaborada com o auxílio do ChatGPT, a partir das diretrizes e parâmetros definidos no presente estudo.

Figura 1. Modelo de Negócio em Educação Financeira e seus microfluxos



Fonte: Elaboração Própria (2026).

Conforme a Figura 1, o pilar Autoconhecimento promove a reflexão sobre a trajetória financeira da participante, considerando sua consciência, conhecimentos, atitudes, hábitos, habilidades, comportamentos, decisões e consequências. Sem caráter clínico ou terapêutico, busca identificar padrões internos que influenciam sua relação com o dinheiro.

O pilar Monetização concentra-se na organização da realidade financeira por meio do controle, orçamento, identificação das dívidas, geração de renda e formação de reservas. Também apresenta orientações introdutórias sobre investimentos e rotinas financeiras, favorecendo a transição de uma postura reativa para uma administração planejada e autônoma.

O pilar Sustentabilidade direciona-se à manutenção, proteção e expansão dos resultados alcançados. Abrange planejamento de médio e longo prazo, reservas, seguros, previdência,

investimentos, qualidade de vida e construção de patrimônio. Não promete enriquecimento rápido, mas prioriza segurança, continuidade e uso responsável dos recursos.

Os três pilares seguem um microfluxo composto por quatro etapas: Estado de Partida, Travessia Orientada, Posição Atual e Carta de Compromisso. Ao final, a participante poderá utilizar um Diário como recurso complementar para acompanhar sua trajetória. O Selo representa simbolicamente o compromisso com o percurso, sem certificar renda, patrimônio ou desempenho financeiro.

- a) Estado de Partida: identifica a condição inicial da participante nos pilares Autoconhecimento, Monetização e Sustentabilidade. A etapa analisa conhecimentos, atitudes, habilidades, hábitos, comportamentos, decisões e consequências financeiras, promovendo clareza sobre a realidade atual, sem julgamento ou prescrição. A mudança depende da autonomia e da decisão pessoal da participante.
- b) Travessia Orientada: Corresponde ao processo de aprendizagem guiada. São apresentados conceitos essenciais, exercícios e roteiros aplicáveis ao cotidiano, buscando reduzir confusões conceituais e fortalecer a autonomia. Espera-se ampliar o conhecimento técnico e favorecer decisões mais conscientes e seguras.
- c) Posição Atual: Representa a integração entre teoria e prática mediante a elaboração do plano de ação, orçamento e planejamento financeiro. A etapa busca superar o desconhecimento, a procrastinação e o medo, promovendo maior coerência entre decisões, ações e consequências financeiras.
- d) Carta de Compromisso: registra as decisões e responsabilidades assumidas pela participante. Não possui natureza técnica ou jurídica, mas funciona como acordo reflexivo consigo mesma, fortalecendo a autorresponsabilidade e a coerência entre intenção e prática.

CONCLUSÃO

O estudo atingiu o objetivo de propor um modelo de negócio integrado à educação financeira e ao autoconhecimento, direcionado às mulheres empreendedoras de Manaus. A proposta foi estruturada nos pilares Autoconhecimento, Monetização e Sustentabilidade, reunindo aspectos financeiros, comportamentais e estratégicos em uma trilha metodológica aplicável à organização das finanças pessoais.

Os resultados dos grupos focais demonstraram que as participantes enfrentam dificuldades relacionadas à superficialidade das capacitações, à mistura entre as finanças pessoais e empresariais, ao baixo conhecimento sobre investimentos e à manutenção de reservas financeiras. Também se verificou que emoções, hábitos, experiências anteriores, responsabilidades familiares e instabilidade de renda influenciam diretamente as decisões econômicas e dificultam o planejamento de longo prazo.

As entrevistas com os especialistas confirmaram que o conhecimento técnico, isoladamente, não assegura mudanças financeiras. A transformação depende da integração entre informação, autoconhecimento, motivação, disciplina e aplicação prática. Também foi identificada a necessidade de propostas acessíveis e contextualizadas, considerando as particularidades econômicas, sociais e familiares das mulheres empreendedoras.

Como principal contribuição, foi elaborado um guia metodológico e instrumental composto pelos pilares Autoconhecimento, Monetização e Sustentabilidade e pelo microfluxo Estado de Partida, Travessia Orientada, Posição Atual e Carta de Compromisso. O modelo também inclui o Diário, destinado ao acompanhamento da trajetória financeira, e o Selo, que simboliza o compromisso da participante com o percurso formativo.

A proposta apresenta relevância prática por apoiar processos de formação, consultoria e mentoria em educação financeira. No campo científico, contribui ao reunir conteúdos frequentemente abordados de maneira fragmentada, oferecendo uma estrutura que articula consciência, conhecimentos, atitudes, hábitos, comportamentos e habilidades. O modelo poderá auxiliar a organização do CPF da mulher empreendedora e produzir reflexos positivos na gestão de seu negócio.

Como limitações, destaca-se o caráter qualitativo do estudo, a amostragem intencional e sua realização exclusiva em Manaus, o que impede a generalização dos resultados. Recomenda-se que pesquisas futuras validem e testem o modelo com outros públicos e contextos socioeconômicos, avaliem seus efeitos ao longo do tempo e desenvolvam sua aplicação ao CNPJ. Conclui-se que a educação financeira integrada ao autoconhecimento pode fortalecer a autonomia econômica, melhorar a qualidade das decisões e favorecer a sustentabilidade financeira das mulheres empreendedoras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. A. de; MARTINS, I. M. de L.; MARTINS, M. A. dos A. L. Business models, strategy and innovation: necessary reflections in the digital transformation society. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 11, n. 6, p. e298116292020, 2022.

ATARAH, B. A.; FINOTTO, V.; NOLAN, E.; VAN STEL, A. Entrepreneurship as emancipation: a process framework for female entrepreneurs in resource-constrained environments. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 30, n. 4, p. 734–758, 2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Cidadania financeira**. Brasília: Banco Central do Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/cidadaniafinanceira>. Acesso em: 12 maio 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2016.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. **Panorama do empreendedorismo feminino no Brasil**. Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Brasília, DF: MDIC, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/elas-empreendem/panorama-do-empreendedorismo-feminino-no-brasil/estudo-do-empreendedorismo-feminino.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CERBASI, G. **Como organizar sua vida financeira**. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

CERBASI, G. **Dez bons conselhos de meu pai**. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

CLASON, G. S. **O homem mais rico da Babilônia**. Tradução de L. C. M. Guerra. 1 ed. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2017.

CRUZ, K. K.; BRITO, M. J.; CARVALHO, F. M. A educação e alfabetização financeira sob a ótica das finanças comportamentais. **Revista de Gestão e Análise – R. Gest. Anál.**, Fortaleza, v. 12, n. 3, p. 121–136, set./dez. 2023.

EKER, T. H. **Os segredos da mente milionária**. Tradução de P. J. Junior. Rio de Janeiro: Sextante, 2020.

GALVÃO, E. P.; SOUZA JÚNIOR, A. A.; MORAES, A. F. M.; MENDES, S. A. T. O perfil empreendedor: um estudo sobre o empreendedorismo feminino em uma comunidade da cidade de Manaus. **Revista Gestão e Secretariado (GeSec)**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1268–1288, 2024.

GOMES, C. V. S.; SALES, K. M. B.; LEITE, I.; NUNES, I. N. Financial education for decision making in family budget: a literature review from a behavioral perspective. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, [S.l.], v. 18, n. 10-110, 2024.

MACIEL, J. S.; TRAVERSO, L. D.; SOARES, A. P. Trajetória empreendedora: um olhar sobre mulheres na economia informal da região central do Rio Grande do Sul. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 21, n. 61, p. 226–248, 2025.

MARTÍNEZ, R. C.; GARCÍA, E. M.; GARCÍA-MEJÍA, S. H. Educação financeira de empreendedores e desempenho de empresas. **Journal of Risk and Financial Management**, v. 17, n. 2, p. 63, 2024.

MUEHLHAUSEN, J. **Modelos de negócio para leigos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

OLIVEIRA, Nathalia Grana de. **Transformação digital e empreendedorismo feminino: estratégias de sucesso nas redes sociais na cidade de Manaus**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) — Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2024.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO. INFE. **OECD/INFE 2023 International Survey of Adult Financial Literacy**. Paris: Publishing, 2023. Disponível em: https://www.oecd.org/en/publications/oecd-infe-2023-international-survey-of-adult-financial-literacy_56003a32-en.html. Acesso em: 15 maio 2025

PAULA, L. F. de; PIRES, M. Crise e perspectivas para a economia brasileira. **Estudos Avançados**, v. 31, n. 89, p. 125–144, jan. 2017.

PRADO, Paola do; PEREIRA, Luiz Henrique Ferraz. O problema da Educação Financeira perante a sociedade brasileira e as contribuições da escola para a mudança de realidade das famílias. **Educação Matemática Debate**, Montes Claros, v. 8, n. 15, p. 1–13, 2024.

RAMSEY, Dave. **The total money makeover: a proven plan for financial fitness**. Nashville: Thomas Nelson, 2009.

SANTIAGO, E. G. Vertentes teóricas sobre empreendedorismo em Shumpeter, Weber e McClelland: novas referências para a sociologia do trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 87-103, 2009.

SCHMIDT, S.; BOHNENBERGER, M. C. Perfil empreendedor e desempenho organizacional. **Revista de Administração Contemporânea**, p. 450-467, 2009.

SETHI, Ramit. **I will teach you to be rich**. New York: Workman Publishing, 2009.

SILVA, N. M.; SILVA, I. R.; ACIOLY, T. M. da S.; VIANA, D. C. Modelo de negócios baseado na Internet das Coisas: uma análise das oportunidades de novos negócios – revisão de literatura. **Interações** (Campo Grande), v. 24, n. 2, p. 717–726, 2023.

VALENTE, A. J. C. *et al.* Desafios da gestão financeira no empreendedorismo feminino: análise de uma microempresa no setor de confeitaria. **International Contemporary Management Review**, v. 6, n. 2, p. e274, 2025.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.